

TEIA DE ARANHA

in VINHOS & MILONGAS

Era um emaranhado como teia de aranha. Puxando o fio percebia-se o ódio enredado nas pessoas.

Lídia Helena levantou-se, e disfarçando, serviu-se de mais uma fatia daquela carne tenra e perfumada recheada com bacon, delícia de Umbelina. Comia com tanta raiva do idiota do filho rebelde, que sentia câimbras no rosto. Muita raiva. Olheiras profundas denunciavam o drama.

Gilberto Augusto, com ódio, trêmulo, à espera, deixava tudo esfriar no prato mal servido. Seus sentimentos o sufocavam pela arrogância crescente que se evidenciava a cada momento. O filho desafiava sua autoridade perante toda a família. Coisa que não se podia suportar. A tradição esfacelava-se.

Sérgio, camisa aberta no peito, cabelo em desalinho, barba por fazer, adentra o recinto, já no meio do jantar, e olha insolentemente um a um, pois estava fora dos hábitos sociais exigidos naquela família. O atrevimento repetia-se em uma crescente provocação.

Tio Arlindo, furioso e profundamente embaraçado, rolava o garfo com terrível força, e suave, desejando que Sérgio pegasse fogo, que morresse!

O pai levanta-se colérico. Silêncio total. Lentamente dá a volta à mesa, dirige-se para o lugar do filho, coloca violentamente as mãos no espaldar do móvel de Sérgio, que eriçado estava pronto para com um pulo, jogar a cadeira longe.

Tia Emerinda, sem ar, derruba o copo do precioso tinto, e a alva toalha de linho tinge-se de sangue.

A avó solta pequenas gotas de chichi... Tem uma leve tontura, quase desfalece... Umbelina, furiosa pelo jantar não apreciado, a tudo assistia pelo vão da porta. Corre e ara a idosa senhora para fora da mesa.

O pai apoplético, engole a ira e sai da sala.

A noite cai, tecendo tormentos.

Ao amanhecer, um corpo jovem estendido no tapete persa, mostra no peito a faca de trinchar a carne.